

**PONTEIROS
DE OUTRORA**

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

CONSELHO EDITORIAL



DIALÉTICA
EDITORA

Alexandre G. M. F. de Moraes Bahia
André Luís Vieira Elói
Antonino Manuel de Almeida Pereira
Antônio Miguel Simões Caceiro
Bruno Camilloto Arantes
Bruno de Almeida Oliveira
Bruno Valverde Chahaira
Catarina Raposo Dias Carneiro
Christiane Costa Assis
Cíntia Borges Ferreira Leal
Eduardo Siqueira Costa Neto
Elias Rocha Gonçalves
Evandro Marcelo dos Santos
Everaldo dos Santos Mendes
Fabiani Gai Frantz
Flávia Siqueira Cambraia
Frederico Menezes Breyner
Frederico Perini Muniz
Giuliano Carlo Rainatto
Helena Maria Ferreira
Izabel Rigo Portocarrero
Jamil Alexandre Ayach Anache
Jean George Farias do Nascimento
Jorge Douglas Price
José Carlos Trinca Zanetti
José Luiz Quadros de Magalhaes
Josiel de Alencar Guedes
Juvencio Borges Silva
Konradin Metzger
Laura Dutra de Abreu
Leonardo Avelar Guimarães
Lidiane Maurício dos Reis

Ligia Barroso Fabri
Lívia Malacarne Pinheiro Rosalem
Luciana Molina Queiroz
Luiz Carlos de Souza Auricchio
Marcelo Campos Galuppo
Marcos André Moura Dias
Marcos Antonio Tedeschi
Marcos Pereira dos Santos
Marcos Vinício Chein Feres
Maria Walkiria de Faro C Guedes Cabral
Marilene Gomes Durães
Mateus de Moura Ferreira
Milena de Cássia Rocha
Mortimer N. S. Sellers
Nígela Rodrigues Carvalho
Paula Ferreira Franco
Pilar Coutinho
Rafael Alem Mello Ferreira
Rafael Vieira Figueiredo Sapucaia
Rayane Araújo
Regilson Maciel Borges
Régis Willyan da Silva Andrade
Renata Furtado de Barros
Renildo Rossi Junior
Rita de Cássia Padula Alves Vieira
Robson Jorge de Araújo
Rogério Luiz Nery da Silva
Romeu Paulo Martins Silva
Ronaldo de Oliveira Batista
Vanessa Pelerigo
Vitor Amaral Medrado
Wagner de Jesus Pinto



PONTEIROS DE OUTRORA

MARCO AURÉLIO NASCIMENTO AMADO



DIALÉTICA
Literária

Copyright © 2021 by Editora Dialética Ltda.
Copyright © 2021 by Marco Aurélio Nascimento Amado.

Esta é uma publicação *Dialética Literária*, selo exclusivo da Editora Dialética Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Capa: Marcel da Silva
Diagramação: Brunna Carielo
Revisão: Responsabilidade do autor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A481p Amado, Marco Aurélio Nascimento.
Ponteiros de outrora / Marco Aurélio Nascimento Amado. – São Paulo :
Dialética Literária, 2021.
56 p.

ISBN 978-65-89873-85-3

1. Literatura. 2. Reflexões. 3. Narrativa. I. Amado, Marco Aurélio
Nascimento. II. Título.

CDD B869

CDU 82(81)

Ficha catalográfica elaborada por Mariana Brandão Silva CRB-1/3150



DIALÉTICA
EDITORA

[/editoradialetica](#)

[@editoradialetica](#)

www.editoradialetica.com

APRESENTAÇÃO

Poucas pessoas são tão “de verdade” como o autor da presente obra! **Ponteiros de Outrora** evidencia toda a autenticidade, sensibilidade e capacidade de percepção de **Marco Aurélio Nascimento Amado**, talento já consagrado na seara do Direito, onde goza de imenso respeito profissional, sobretudo pela excelência das obras técnicas já publicadas.

Marcão, ou simplesmente meu irmão Marcão, para além do aumentativo do substantivo próprio, é gigante sempre! Confesso que após um quarto de século de amizade, sigo me surpreendendo com a singularidade e alteridade do literato.

Ao ser apresentado com a apresentação desta belíssima obra – missão que nem de longe se afigura simples, ante o brilhantismo do poeta – tive a oportunidade de testemunhar o aflorar de seu lado mais humano, até então reservado àqueles mais próximos. Um efetivo movimento de saída do casulo, exatamente como narrado em **Inquietude**, poema datado de 2004.

É a tônica da obra! Ao longo do seu admirável texto, é possível conhecer o lado mais reservado do autor, quando aborda, com beleza e graciosidade, a consumição que é inerente a todos os seres humanos, fazendo-o, porém, com incomum desassombro.

Em certa oportunidade, numa viagem de carro que fizemos de volta a nossa cidade natal, Salvador, conversamos livremente sobre dezenas, talvez centenas, de temas. Entre eles, a capacidade que pouquíssimos seres humanos detinham de converter tantos desconfortos que nos assombram na rotina comezinha dos dias em palavras.

Marco Aurélio é um desses pouquíssimos.

Ler sua obra é um mergulhar “doce” nas inquietações humanas, mas é também a certeza que a complexidade pode ser traduzida em significado e reorientação, e que a beleza, para além dos olhos daquele que vê, é quase um paradoxo existencial que teima em nos vergastar.

Assim, **Ponteiros de Outrora** é um agradável convite ao movimento reflexivo: é hora de abandonar a quietude e, como dito em **GIRA MUNDO, GIRE JUNTO!**, *“Rodopie, se atontei na doce embriaguez. Sim, porque teus pés nunca estão firmes no chão! Se gira o mundo, não te esqueças: Gire junto!”*

Alexandre Magno Baqueiro Rangel Pinto

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

PREFÁCIO

“Amizade é coisa atemporal”, disse-me certa vez um grande amigo meu.

Não é a primeira vez que a cidade de Ilhéus, no sul da Bahia, revela ao mundo um estudioso do Direito da família Amado, radicado em Salvador com o dom da palavra escrita.

Diferente de Jorge, Marco Aurélio Nascimento Amado decidiu exercer seus estudos de Direito como meio de vida e deixar a expressão da sua alma em palavra escrita para o entretenimento dos seus momentos mais introspectivos.

O retorno do *ferry-boat* “Mar Grande-Salvador”, noites chuvosas, tardes ensolaradas, madrugadas, todo tipo de instante e lugar se tornaram oportunidades para a inspiração condensar em letras e inundar uma folha de papel sulfite.

Esse é seu segundo registro em forma de poesia. Vimos em seu primeiro livro de poesias, “*Toalha de Flores*”, a intimidade emocional de Marco, principalmente marcada pelo aconchego de sentimentos que o título nos remete.

Em **Ponteiros de Outrora**, Marco transita por vários períodos de sua vida. O leitor é convidado a revisitar, junto com o autor, suas convicções sobre o tempo, sua plenitude, suas crenças, seus medos, suas paixões, sempre com a certeza de estar em local seguro.

“Entre. Sinta-se em casa. Quer um bolo de fubá? Vai bem com o café que eu acabei de passar pra você...”

A obra de Marco Aurélio transcende as prateleiras de bibliotecas, permeia as lembranças de quem atravessou seu caminho e ressona na memória de quem se deu o presente de escutá-lo.

Eu tive o privilégio de ser acolhido, talvez adotado, pelo mesmo ninho que gerou Marco. O mesmo acabou por se tornar uma imagem das minhas interações com seus pais. Meu tio tinha participações breves, porém intensas, nesses momentos. Era uma pessoa serena e sempre de bom humor que tinha gosto

por debulhar o conhecimento do mundo com as novas gerações. Guardo o olhar de quem nos desafiava como se falasse: “*venha, me convença, aprenda e torne-se alguém*”, durante nossas conversas.

Idêntico a Marco, ele não precisava de muitas palavras para nos provocar e nos fazer (re)avaliar nossas posições sobre o mundo e a humanidade. Eu sentia constantemente, nesses momentos, que telepaticamente ele nos dizia: “*venha, me convença, aprenda e sejam alguém*”. Minha tia era o carinho em forma de gente. Recebia a todos com um sorriso maior que o mundo. Queria o melhor de todos e transparecia o aconchego com que recebia a todos na sua casa.

Sinto-me um felizardo por ter acompanhado uma boa parte de sua infância e juventude. Discutíamos fervorosamente sobre todos os temas que vivenciávamos, numa saborosa batalha de assuntos, conhecimento e argumentos. Tudo, Deus(es) e o Mundo! O Universo e tudo mais! O Universo só, não, a Bahia ! Sim, o humor era fundamental para apimentar discussões ferventes.

Convergíamos em divergir, aprendíamos ensinando um ao outro e evoluíamos em nossas diferenças.

O vencedor? Eu, ele, principalmente **nós**, quem estivesse em volta e, sobretudo, **nossa amizade**. Amizade, essa “coisa atemporal” com a qual, o Universo resolveu nos abençoar.

Diego Leyser

SUMÁRIO

PASSATEMPO	11
SAUDAÇÃO	13
TOQUES E RETOQUES	14
INQUIETUDE	15
FARÓIS	17
EU E O ESPELHO	19
MOMENTO	20
PRONOMES PERFEITOS PARA	21
UM DESEJO SUSPEITO	21
SINAL DA CRUZ	24
FORA DE CENA	25
QUANDO AS ROSAS CHORAM	27
GIRA MUNDO, GIRE JUNTO!	30
CLARA	32
AH! AS PALAVRAS...	33
DISPERSAR	34
PROCISSÃO	35
ENFIM, O REPOUSO!	36
CAMINHADA	37
CRUZEIRO DO SUL, TRÊS MARIAS...	38
ENCANTAMOR	39
PARA LOGO MAIS...	40
NAQUELE SÁBADO...	41
DOSE CERTA (?)	43
DEDICATÓRIA PARA AMANHÃ	44
O PACTO (revelado)	46
ACORDES MATTOSIANOS	48
EU E OCÊ	50
ORAÇÃO	51
ESTADO DE ESPÍRITO	52
POSFÁCIO	53

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALETICA

PASSATEMPO

Tempo passa... passatempo
Parece que tudo vem a destempo
Passa o tempo como num passado sem volta
Passa o tempo... passatempo...
E agora?
No momento estou fechado para balanço!
Não incomoda!
Porque o seu passatempo fez passar o tempo
E o ponteiro das horas...
Não volta!

18/03/2005.

01:36



Lembrei de você hoje
Como em todos os outros dias
Lembrei de você...
Basta fechar meus olhos
E lembrar de você...
Não faço esforço algum
Basta querer pensar em alguém
Lembro de você
Lembrei da distância que separa
Mas lembro que lembrar de você encurta os quilômetros
É assim que você se faz presente
Basta imaginar...
E lembrar de você
E acabo lembrando das lembranças
E de tanto lembrar
Percebo que você é meu cotidiano...



SAUDAÇÃO

- Olá! Como vai?

Essa doce pergunta lhe pede passagem

Por vezes devassa...

Senão... empaca!

Podes responder com grande naturalidade:

- Tudo bem.

Até quando?

23:43 PM

25/11/2004

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA



TOQUES E RETOQUES

Muitos desses toques precisam de retoques
Do tipo bem racional.
Esses retoques sempre reclamam novos toques
Do tipo bem passional.
Passional com retoques?
Não vale a pena...
Em todos esses toques
Não há lugar em que se coloquem
Pois esse jeito teu quase sem querer
Retira o “re” dos toques
E todos sem retoques
Nunca conseguem te alcançar!

16:52

10/01/2005



INQUIETUDE

Ouviu-se um estrondo dentro de ti
Não foi seu palpitar
Não foi o ronco do estômago
Descansa...
Hum...
Ouviram o estrondo dentro de ti
Não foi seu corpo sinalizando a morte
Não foram os ouvidos que zuniam ao léu
Havia, sim, um barulho crescente dentro de ti
Era o grito da alma
O grito que muitos ouvem
Mas não escutam!
Não é zumbido de corpo poente
É o canto da alma carente
Ouviu-se um gemido dentro de nós
Uma linguagem assim...
Meio sem fim...
Zuuuuuummmmmmmmmmmmm!
É o despertar de uma nova fase
Hei! É o sair do casulo...
Pare! Escute...
É a boa nova... o inspirar
Doido para ser expirado!
Hum...
Descansa...
Não estou te ouvindo dentro de ti
Tua inquietação lhe abandonou?
É sentimento que não se rotula
Dormência...
Escuta e faz-te ouvir!
Não deixa o estrondo passar em silêncio novamente



Repara...

E escuta...

Zuuuuuuuummmmmmmmmmmmmmmmmmm!

(pronto... agora, podes rabiscar!)

12:37

28/12/2004

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALETICA



FARÓIS

Estremeço a cada sentir vazio, estranho, angustiante...
Convenço-me da minha incapacidade em preencher no papel
a minha incompetência do balbuciar mais natural
Confuso?
São meus pensamentos fluidos
Íntimos...
Tão escorregadios
Que não consigo fixar o verbo!
Nem a conjugação!
O modo? O tempo?
Tudo balela!
Só consigo fixar pronome...
Seja meu/minha interlocutor(a)!
Faça-me o favor...
Traduz minhas interjeições
Transforma em verbos sentimentais
Talvez alguém se convença em querer compreender
O que se passa aqui!
Ah! Mas sei também o que se passa por aí...
Esse vulto não me é unipessoal!
Não seria tão egoísta...
Seus faróis te iluminam?
Porque os meus sim...
Mas não a mim!
Eta! Mas que saco esse se sentir desgarrado
“Bezerro desmamado!”
Que aventura infantil tentar se descobrir...
Exagerei nas flexões e reflexões?
O porto dos meus faróis foi construído rudemente
Me complemente!
Sei que o seu farol pode estar capenga...



Assim como o meu...
Sem nuances, nem detalhes...
Mais uma vez me perco nas palavras
Simbologia maldita...
Quem manda tentar acompanhar o pulsar dessa minha sensação?
Nem seu semblante enrijecido
Nem sua indiferença
Nem nada...
Para que me explicar?
Meu momento é movimento!
Sem lugar para aportar...
Ah! Mas como queria fazer que
Seus faróis, não importam as deficiências
Viessem para o lado de cá!
Talvez assim...
Em uma simbiose bem ingênua e natural
Nos permitamos fazer iluminar
Enxergar...
Os sentimentos fluidos de tão confusos
Vazios... transbordantes...
Estremeço sentir assim...
No fim...
Sem princípio
E com você no meio!

15/10/2004

12:26



EU E O ESPELHO

Me perguntaram porque sou tão calado
O porquê do meu semblante frágil
Do meu choro farto e camuflado
Do rubor das maçãs rosadas

Me perguntaram porque meu soluço é tão mudo
O porquê das meias palavras
A preferência pelo silêncio
Pelo pavor da solidão

Me invadiram...
Como podes ser tão fácil?
Por que desse coração apertado?
Por que este terreno está tão maltratado?
Por que desta tempestade contínua?

Me abandonaram...
Enfim, muito envergonhado
Olhei-me de soslaio

23/08/99
11:23 pm.



MOMENTO

Desmente o antes
Mascara o agora
Assusta o depois
Tudo é momento!
E a identidade?

Momento que invento
E, depois, me arrependo
É só momento em movimento
De momentos fiz uma vida suicida
Que, no momento, procura uma saída...



PRONOMES PERFEITOS PARA UM DESEJO SUSPEITO

Eu... Tão somente eu!
Na minha incessante busca por um respirar mais aliviado
Somente eu... Agarrando-me neles
Acreditando, ingenuamente, que só neles brota o sorriso
tranquilo
Que tanto eu... Mas não só eu procuro...
Eles me abandonaram...
E como sempre, percebi
Que meu sujeito oculto se mostra claro
Tão frágil e desgarrado!
Sujeito oculto, além de simples
Órfão do sujeito composto
Se mostrando inexistente de tão indeterminado
Mas só eu... Somente eu... sou eu!
Quem pode tentar realizar meu desejo suspeito
Sem procurar neles nada sugar
Pois sempre acabo em desvantagem
Na balança que me pesaram sem eu querer.
Mas sei que tu me observaste
E com o devido respeito
(Na minha teimosa intimidade)
Resolvi chamar você
Para poder fazer brotar meu desejo suspeito
Que nasceu demasiadamente imperfeito
Por só ter nascido como pronome-sujeito!
Que, ainda, insiste em cantar na primeira conjugação...
Falta tanto...
Você!
Que patético!
Balbuciar palavras melosas



Rabiscar poemas infantis
e apaixonados!
Sem sentido.
Fazer rimas fáceis,
Cheias de pieguices
Que chatice!
Despejar lamúrias
e felicidades
Fazer brotar sonhos imaginários
Tão descalços!
Ah! Dessa sentimentalice sem pra quê
O que?
Fazer a vida cheia de interjeições?
Com recheio de exclamação?
Não!
Não estou a fim de desenhar sorriso bobo
(...)
Que patético pensar ser patético!
O bom é o amor epilético
Delirante!
Não tomar cuidado com as palavras
despojadas...
Melhor é tesourar
A camisa de força do eu racional
Quero as palavras rasas
Os versos infantis...
Melhor do que ser senil
Cheio de ruga
Haja cura!
Injetar-me no meu cenário
Imaginário...
Sem retoques!
Deixar essa falsa fortaleza ceder



Esmorecer...
Com cada sopro de paixão
Quero de volta as minhas exclamações
E não me venha dizer que não!

30/09/2004
23:00

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALETICA



SINAL DA CRUZ

Foi aquele lance eternamente infantil
O despontar da lança!
Foi naquele lance da lança
Seguida de pregos e pecados
Que a lágrima mais linda brotou.
Não como um ponto final...
Não...
É um eterno suspiro de acalento
Foi no lance da lança
No lance da cruz.
Quanta ingenuidade!
Esse lance de lança,
De cruz e de pregos...
Se mostram todos os dias
Nos becos, nos porões, nas mãos de fome.
É no lance eterno da permanente ferida
Que lágrimas infinitas brotam todos os dias
Ah! Aquela linda lágrima de outrora
Atravessa outonos e primaveras
Tão apaixonada, incansável...
Eterna espera.
Vê-se a lança. A cruz. O prego
E a chicotada!
E o escudo?
Ainda espera...
Uma longa espera
Apaixonado por aquela lágrima!

24/03/2005.

10:56



FORA DE CENA

Sobe o pano vermelho
O grande palco azul está montado
E nele todos os atores
Vestido de amargas cores
Usando suas máscaras descartáveis
Sorrindo o sorriso teatral
Esculpindo a mais triste dramaturgia

Estão todos com medo de se machucar
De provar o deleite do amor
De sentir dor...
Trocamos nossas falsas verdades
E sorrimos nosso riso triste

Calo, sinto e represento
Tiro a máscara e descubro sofrimento
Vamos encenar nossa última cena
Vamos buscar a próxima sessão
AÇÃO!

Onde estão os suspiros inocentes?
Os olhares do semblante que mente?
O sorriso fácil
Vem dos que choram escondido

Estão com medo do descascado olhar
De provar a doce brisa no rosto
Do raio quente do sol
Estamos melancólicos
Provando a fria solidão
Sim, nós temos nossos soluços abafados



Chorando nosso choro calado
Uma pena! A cena não parece bela
Há quem pule aos prantos...
Mas não fuja dela

As faces estão por toda à parte
E os disfarces aparecem a toda hora
No olhar cínico do destino
Que me aparece sem camuflagem
Revelando doída verdade:
Nós somos uma mentira!
(23/08/99 12:32 pm)

Todas as noites olharás para o céu
Perceberás que as estrelas se apagam a cada dia
Todos os dias, quando acordares...
Verás que o sol estará mais cinzento
Os cânticos dos pássaros sem aquelas melodias
O som dessa praia baiana sem a gostosa maresia
As ruas sempre mais estreitas
Não há vento que sopra e carregue esse fardo
Não há paciência que galope ao teu lado
E todo o respirar será mais ofegante
Essa será a tua sentença:
A sentença da espera!
O bom destino me cantou a estrada
E eu espero pelo meu tranquilo caminhar de mãos dadas
Só assim gargalharei a névoa que se acalma sobre os meus olhos
... e perceberei que qualquer fração de tempo ao teu lado
É o suficiente para me fazer eternamente feliz.



QUANDO AS ROSAS CHORAM

Existe um lugar onde as lágrimas descem

Acredite...

Não é no rosto!

Nessas horas o mundo se acinzentava

De repente flores murcham

E o arco-íris se alinha

Percebeste o mundo alinhado?

Bem sem graça, não?

Nessas horas, falta lá...

Alguma coisa...

Não é o tom adequado, não...

É o compasso que o corpo perdeu.

Existe um lugar onde as lágrimas descem...

... e por dentro!

14:00

26/11/2005



Enquanto repousas tua cabeça
E sonhas...
Velo tua tranquilidade, que é minha
Os lençóis e teu belo quadro de paisagens
Foram testemunhas daquela noite
Em que a lua, aquela gorda lua
Com a leve chuva e a doce brisa
Recheavam nossos corpos nus
Esse cenário bem imaginário
Povoa meus olhos,
Adormece minha boca
E serve de suspiro para teu respirar mais aliviado
Só assim
Me despeço de mim
E vivo a bela saudade de ser teu eterno sonho...



(...).

Tiraram algumas medidas do outono
Encolheram um pouco o espaço do verão
Quase mutilaram a primavera!
Que régua!
Entupiram de quilômetros o inverno...

(...).

Dedicaram poucos milímetros ao arco-íris
Esqueceram do dia e das madrugadas orvalhadas!
Logo delas...
Deram uns centímetros ao pôr-do-sol
Mentiram a respeito das estrelas
Todas se apagaram!

(...).

Nessa brincadeira de tirar e não pôr
(que perversa brincadeira)
Em tudo que flameja diante dos olhos
Fizeram injetar o tempo!
E que não sobre mais nada
Absolutamente nada...
Só o seu recheio:
A Saudade!



GIRA MUNDO, GIRE JUNTO!

Não é o calendário que importa
Afinal, há tantos!
O sentimento de virada é permanente
Sim, tudo bem, é compreensível o sentimento de fim de ano,
De fim de década,
De fim de século,
De fim de milênio...
Sim, é compreensível!
Só não compreendas o sentimento de fim de vida
Pelo menos enquanto o peito ainda batuca
Então, que tal fazer reflexão junto com a rotação?
Sim, a rotação... da Terra e dos sentidos...
Gira o mundo... gire junto!
Rodopie, se atonteie na doce embriaguez.
Sim, porque teus pés nunca estão firmes no chão!
Se gira o mundo, não te esqueças:
Gire junto!
A cada mudança, ora aurora, ora crepúsculo
Esconde-se e revela-se (tudo) nessa bolha azul
O teto de estrelas que lhe cobre é imutável
(Há quem diga o contrário)
Pois, então, teus planos, nobres planos!
Estão girando na ciranda esquisita da vida
Capture-os!
E gire junto...
Seja aurora e seja crepúsculo!
Enfeite-se com as estações
E não te esqueças:
O dia de cada vez é sempre imortal
Para aquele que gira o mundo...
Então... gire junto!



Um calafrio

E os sentidos mudos

- Febril?

- Talvez!

Olhos fixos e respiração ofegante

- Doutor...

- Pois não...

- Algo grave?

- Depende.

- De que?

- Do ponto de vista!

Inércia, sonolência e suor.

Esqueleto ao chão!

Tremedeira e um bocadinho de espuma nos orifícios

- Ah! Epilepsia, Doutor?!

- Hum...

- Hein?

- Não!

40 graus e um arrepião

Olhos vidrados

Pele cor de estações

- Internamento, Doutor?

- Que nada!

- Como não?

- Ah, Meu Pai! Que doença!

- Não, não...

Eis a rasteira do amor.

(sem verbos).



CLARA

E a nuvem da esperança trouxe a boa nova
Laureada com lábios de anjos e gotas de mel
A surpresa em ti e de ti verbalizou no vento:
- Clareia, ó Deus! Fazes a luz cintilar!
A perfeição natural deu a sua prova
Por ti, em ti, no limbo da pétala
Jasmim em cheiro
Girassol em cor...
Trouxeste a proeza da aurora
E apaixonaste antes mesmo de se revelar!
Pincelaste o céu com a cor de teus olhos
Nesse quadro, o sol casou com o luar
Ô dia! Ô noite!
E para os pais trouxeste paz
E para os anjos trouxeste asas
Em cada asa, pingos de amor!
Eis que se desenha a revoada
E os pingos fizeram chuva de eterna primavera
Nas lágrimas de Deus, que neste dia assoprou:
- Clareia, ó Clara!
(e, nesse dia, o mundo acordou em arco-íris de esplendor).



AH! AS PALAVRAS...

(...)

Tão elas!

Desconcertantes e reveladoras d'alma.

Quando faltam...

... sobram lágrimas e soluços...

... olhares fundos e labirínticos...

Essas estampas dizem muito mais do que soam

Talvez nem digam...

Simplesmente, são!

(...)

Tão maltratadas!

O que seria o "obrigado", senão o suspiro do sorriso?

Quem as ovaciona nem sempre as merecem...

Muita calma, pois isto, também, elas revelam...

(...)

Tão fecundas!

Ao vento, germinam-se!

Embriagam o ar e adormecem os sentidos

Ignoram forma e acústica

Ai, ai...

Valei-me, Deus, delas!

Só delas, nelas e com elas

Atingir o absoluto!



DISPERSAR

Deixe o travesseiro repousar sua cabeça
Adormecer seus sonhos...
Permita-se respirar profundamente e
Sinta como o ar acalma...
Nesse momento, você só precisa de ar!
Tua proteção lhe afaga
As flores te jardinam!
Sua bem-aventurada estrada é caminho feliz
Não persiga os minutos...
Eles foram feitos para você, e não o contrário!
Permita-se! Permita-se! Permita-se!
Trabalhe suas expectativas como uma artesã...
Use criatividade, abuse da paciência...
Paciência, paciência, paciência...
Sua jornada há de ser luz!
O tempo é um ancião, irmã...
Que, às vezes, lhe pede pausa para contar histórias!



PROCISSÃO

Qual o tamanho do seu abraço?
Do tamanho do meu abrigo!
E insistem...
Qual o tamanho do seu abrigo?
Com muita paciência, respondes:
Do tamanho do seu conforto!
E assim, em verdadeira fila indiana
Ajoelham-se todos!
Todos!

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA



ENFIM, O REPOUSO!

Esse caminho esconde veredas
É lá onde quero estar
Na terra molhada
No cheiro de mato
Naquela casa de aconchego...
Invadi-la!
Descobrir-te na rede
Passeando seus olhos pelo horizonte
Fotografar seu momento, incandescente!
Capturar o arco-íris de suas mãos
Nesse lugar onde os anjos não dormem
Onde Deus se esquece
E o orvalho me deságua!
Nesse caminho...
Onde se escondem as veredas...
... as verdes veredas de sua alma!



CAMINHADA

Hoje, teus olhos passeiam ao longe e dizem
Palavras de bem querer
Sossegaste meu compasso intranquilo
Carinhosamente!
Com mãos dadas e abraços de sem-fim
Nossos passos, nossas marcas...
Lado a lado...
Bela caminhada!
Um horizonte infinito à nossa frente
Com raios de sol para aquecer os sonhos
Ao redor, o desenho das gaivotas
Que ensaiam cânticos de saudades!
Saudades que deixamos para trás...
Nessa estrada, de flores e cores
Há de ser assim...
Colhendo frutos de todos os outonos
Mergulhando em todos os girassóis
Nessa eterna primavera!
Respirar o verão e banhar-se
Em maresia!
Ah! Na maresia de Dorival!
Cay! Cay! Cay - em - mim, meu Deus!
Eterna chuva de água doce...
E nossas pegadas se eternizarão na areia alva...
... ao longo da enseada, que escreverá nosso destino:
“Chega de Saudade”!



CRUZEIRO DO SUL, TRÊS MARIAS...

Nessa noite em que as estrelas estão tão caladas
Os olhos vagam sobre cada uma delas...
... lembrando seu nome
De repente, a constelação desenha seu rosto
Seu melhor sorriso
E os sonhos...
Os sonhos, enfim, podem confortar os lençóis
Mas o abraço sente um triste vazio...
O cortante abismo de sua ausência



ENCANTAMOR

Dois punhados de bem querer
Envolto em calda de fina flor
Desenhaste-te na mão do redentor
Na fina areia, nesse entardecer

Um modelo de pérola rara
Densificou-se nessa retina
Abre-te, concha... salga minha sina!
Diz-me que sim e não para!

Levantou-se em perfume
Em puro encantamento
Sussurraste o amor!

És a receita da maravilha, meu tapume!
Minha muleta, meu sustento!
A diva, encantamor!



PARA LOGO MAIS...

Seu doce sorriso combina com sua preocupação
De quase ser um sorriso maior
Alguns milhares de quilômetros te represam
Mas, seus sonhos voam longe!
Nada escapa sua vontade de ser maior
Mas, seu sorriso, meu amigo...
Deseja se esticar mais...
... ser demais!
Sua saudade sombreia teu semblante
E o meu também...
Queremos demais?
Sim! Pra que logo mais
Esses quilômetros virem metros...
Centímetros...
E, num vacilo...
Sejamos um só!



NAQUELE SÁBADO...

Sorrir: é a obrigação que lhe cabe!
Um riso estrelado nos lábios
Combina tão bem com teu olhar largo
Eta herança bendita!
Bem-aventurada seja a rainha que lhe concebeu!

Eu, o ateu!
Alma amputada nessa minha desordem
Não há paisagem que me comova
Nem lua que me enamore...
Enfim, a suástica tatuada no coração judeu!

Mas, eis que surge esse estranho chamado destino
Duas realidades, uma única verdadeira!
Minha escuridão sombria ou tua áurea de realeza?
Na epopeia de Chico, nesse imenso zepelim...
Prevaleceria Geni?

Desabrochou-se aquela manhã tão comum...
Tão descompromissada!
Seu trono de nuvens amaciando conforto
Aquela teia amarela...
... deixando morna a pintura celeste

Eu, o pecado!
Natimorto, enrugado, dormente...
Ah! Como cansa o corpo poente!
Os braços petrificados em muletas
Caminhando... sem seguir a canção
Os olhares entrecruzaram-se, então
A penicilina sobre a chaga



A oração ensinando perdão
A descrença chocou-se em ti, primavera!
E a ansiedade reclamou compaixão!

Lição aprendida!
Muletas largadas na esquina da Esperança
(...)
Já era noite!
Em suor de sangue, dança o espantalho
A melodia de uma nova ciranda

Sussurraste: é chegada a hora!

Desenhou-se, assim, o milagre pagão:

Naquele sábado, destacado na multidão...
... o ateu aprendeu a rezar!

26/02/2010.

DOSE CERTA (?)

Esse quadro transborda!
Não há moldura que o enquadre!
Nem tintura que o realce!
Ele já é bastante em si!
Onisciente!

Esse quadro é uma insanidade!
Um destempero!
Um exagero!
Pobres dos haicais Leminskianos...

E o desenho que se despe diante dos nossos olhares?
E a figura que se eterniza na nossa retina?
Esse quadro é a marca d' água infinita!
Um templo! Uma mesquita!

Ai de mim!
Não há reza que me faça desviar... o olhar!
Nem Oxalá!
Neste sorriso...
... nasceu o ritmo da ciranda que sempre quis dançar!

Esse quadro é assim!
Aproxima-te dele...
E verás que, no fim...
... só a tua musa justifica-te!
E a mim!



DEDICATÓRIA PARA AMANHÃ

E hoje sei que toda aquela intranquilidade de outrora
Me é tão calma...
A fé em minhas crenças...
... permanecem tão vívidas em mim!
Com cores tão saltitantes...

Antes de ti, filha, tinha a certeza do meu mais largo sorriso
Impossível de esticar-se mais...
Antes de ti...
E foi para ti, filha, que meus lábios se colaram aos teus!
Na minha verdade infinita:
Quando ensaio o riso,
É você quem gargalha!

Sempre acreditei em astros e auroras!
Mas, nunca contemplei a beleza da escuridão...
Até que tu, filho meu...
Com esse olhar fundo e macio
Desaguou em teu pai
Imagem, sombra e perfeição!

E eu acreditava nas minhas pilastras...
Na bravura dos meus braços, fortaleza!
Até chegarem dois anjos sussurrando:
“Mamãe, seus passos serão mais leves
E o amanhã sempre uma doce incerteza!”

Quem um dia poderia apostar
Na simbiose mais inesperada?
Mas, Deus tem os seus caprichos finos
E fez o impossível irradiar...



Unam-se:
Ela, Sol!
Ele, Luar!

Hoje, toda dúvida dissipou-se em calma
E o medo de ontem
É a amora do amanhã!
Estou calçada, meus filhos!
E a minha metade me verá anciã!

Namoro o céu, com esta coberta tão estrelada
Grito no silêncio a minha sorte
Neste meu aquecido abraço...
E que essas minhas rissonhas lágrimas, meu amor...
Amanhã, sejam a de nós quatro!



O PACTO (REVELADO)

Ah, se soubessem, hein, João?
Que, antes de corpos, somos ideias e intenções
Já teriam nos desvendado!
Sublimamos no nosso campo astral
Discutimos nosso plano secreto
E, enfim, concretizamo-lo.
Segui direitinho suas instruções, hein, John?
Vieste devagar, com didática e paciência
Nessa tua sabedoria infinita!
Trouxeste-me toda a receita pronta!
Gostei do título que carimbaste:

“ENSAIO DEFINITIVO PARA O MEU NASCIMENTO”.

E, nas idas e vindas dessas ideias nossas, sussurraste em
meu ouvido: “S I M B I O F A G I A”.
João, lembro que, naquele momento, congelei!
Tive uma daquelas iluminações!
Vi teu sorriso de “isso! assim!”.
E transmutei-me em instrumento do vosso desejo!
Ah, ah, ah, ah...
Se soubessem, hein, João?
Tudo tão articulado, tão ensaiado, tão ensinado
por ti!
Eu sei... estou colhendo os frutos da tua proeza!
Eu sei!
Por isso, espero que não fiques zangado!
Mas tive que pôr os pingos nos “is”
E dar a César o que é de César, John!



17/10/2012

17:31

Ferry boat: Ilha de Itaparica a caminho de Salvador.

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALETICA



ACORDES MATTOSIANOS

E é isso: os pés no chão e as ideias vagabundeando
Neste Universo Paralelo.

Em ritmo frenético...
Cada palavra posta, um assombro
Cada assombro, uma interjeição
E na interjeição, o encantamento.

Em ti e por ti, as centelhas da inspiração vibram
Não há tédio, em ti, sem interrogação!

Lance tuas erupções... empacote teu incômodo
Para um destinatário qualquer.

Em ritmo de soft blues, prometo dançar na tua quimera!



Neste labirinto
Onde um palmo não se vê
A penumbra toma este corpo findo
Onde não existe mais bem-querer.

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALETICA



EU E OCÊ

Vamos alinhar nossos olhares
E nossas orações
Em uma só melodia...

Vamos fazer nossas peripécias
E rir o riso manso de nós dois

Vamos sacudir nosso ritmo
Fazer dos nossos corpos
Um só!

Vamos sonhar nossos sonhos
E deixar que o tempo
Cuide de nós...



ORAÇÃO

Como um sopro jazz
Com aquela cadência...
Com aquele louvor...
Com aquele torpor...
Que invade e nem se sente

Eu quero ter você.

Como um cântico blues
Com aquele ardor...
Com aquele vagar rasgado...
Com aquela tristeza...
Que só a saudade absoluta provoca

Eu quero ter você.

Dos pedaços, renascer
Do semblante paralisado, sorrir
Do timbre mudo, cantar
Dos versos sementes, florescer

Eu quero ter você.

Enfim, você.

O indizível encanto da chama
Que teima... Como teima!
Em não se apagar!
No fim, você.
26/12/2013
11:08.



ESTADO DE ESPÍRITO

E, agora, as canções de ninar fazem tanto sentido para mim
Silêncio é palavra tão mais calma e confortante!
Tudo é mais tão! Milagre grandioso em corpo tão diminuto.
Assistir à mágica de toda a minha angústia de outrora se
dissipar no teu olhar
Duvidei em qualquer eternidade me sentir assim, filho meu
Observar teu sonhar me dizendo que nada é para já

Dedilhar meu contentamento nos teus lábios
Enquanto vejo tua ânsia socorrer-se nas mamas que lhe dão a vida!

E no instante em que velo tua tranquilidade, que é minha
Sussurro qualquer coisa desatenta... meu eco forte
Palavras ao vento em sincero agradecimento
Índios-pajés, espíritas, cristãos ou pagãos...
Reza qualquer... não importa!
Iluminaste este caminho de lindas flores que seguem adiante
Trazendo-me o doce convite nas tuas lindas contas azuis:
Oh, meu pai! E eu repito: o b r i g a d o !



POSFÁCIO

“Quem faz um poema abre uma janela.

Respira, tu que estás numa cela

abafada,

esse ar que entra por ela”.

(Trecho do poema *Emergência*, Mário Quintana)

Um jornalista perguntou ao poeta da vida e da esperança, Thiago de Mello, se a poesia poderia salvar o mundo. Sem pestanejar, ele respondeu: “O mundo eu não sei, mas pode salvar você”! **Ponteiros de Outrora** nos salva hoje de toda a desesperança e de todo o conformismo, convida-nos, antes de qualquer sentimento, a não deixar *o estrondo passar em silêncio*.

Viajei com o poeta em muitas estradas, da infinita Highway semanal até esses versos rasgados, paridos das entranhas do ser humano sensível, que não por acaso tem **Amado** no nome! E na secura de tantas cidades que atravessamos, entregues ao sacerdócio jurídico, víamos o verdejar em pequenas gotas de chuva e de amizade! Os faróis dos versos “Aurelianos” nos iluminam, não nos permitem esquecer que *os ponteiros das horas não voltam*, mas muito além nos confirmam que os sonhos não envelhecem!

Os amores e as incertezas da juventude, as dores e as alegrias que permeiam o início da vida adulta. As páginas desvendam nossas próprias histórias, iluminam nossos caminhos, todos nós somos cúmplices dessa obra, porquanto ao lermos, também nos reconhecemos.

Todo ponto e vírgula no seu lugar, versos brancos ou alexandrinos, símbolos de uma história vivida com profundidade, fora da superfície da irrelevância. Não se trata apenas de poesia abstrata, mas sim de uma realidade concreta que nos transporta no tempo, relembra sensações e resgata saudades. Viajamos retos na leitura e tortos nos pensamentos! Que sorte a nossa termos acei-

tado o convite para a leitura desta obra, pois não seremos mais os mesmos quando a repousarmos na estante.

A poesia nasce do espanto: “tem de haver espanto, não se faz poesia a frio” (Ferreira Gullar). E assim o poeta se revela, se despe das máscaras, de todas as regras e transforma em arte o espanto da vida. O espanto que nos salva, a mim e a você, depois de lermos **Marco Aurélio Amado**.

Que fique para trás o trânsito, o prazo, o choro das crianças, os maldizeres dos infelizes, o vírus e todo tipo de distância... é hora de poesia, de tentar possuir o que nos possui, ler e reler todo o verso, sem pressa, como se estivéssemos presos nas horas, nos **Ponteiros de Outrora**.

Adriano Marques (amigo e irmão)

PROVA VIRTUAL EDITORA DIFUSORA

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALETICA



DIALÉTICA
EDITORA

Este livro foi impresso sob demanda, sem estoques. A tecnologia POD (Print on Demand) utiliza os recursos naturais de forma racional e inteligente, contribuindo para a preservação da natureza.

"Rico é aquele que sabe ter o suficiente"
(Lao Tze)